

Luiz Caramaschi

A sabedoria é finita

Pagai o mal com o bem; porque o Amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa. O Céu arma de amor a quem não quer ver destruído.

Lao-Tsé

A conceituação da divindade marca o compasso da evolução

O autor

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI

Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP

Fone (14) 3351.1900

- 2006 -

A SABEDORIA É FINITA

(contra-capa)

Todos passam a vida na busca da evolução espiritual e expiação de pecados. Sentem-se ínfimos diante do universo, cheios de culpas em virtude da consciência negativa que as religiões lhes impuseram. Por causa desse fracasso não criam e não se acham em condições de ajudar os que estão à sua volta porque sentem que as luzes que deles refletem não têm o brilho suficiente.

Esse é o resultado da crença de que a sabedoria é infinita e por conseqüência nunca seremos nada nesse formidoloso universo.

Recomendamos esta leitura a todas as pessoas de qualquer religião ou que não pertençam a qualquer delas, ou ainda a agnósticos e ateus, e temos a certeza de que todos eles, no final sentir-se-ão valorizados, sem culpas, e com a consciência do quanto podem dar aos seus próximos.

Cientes disto, com certeza terão mais paz para viver.

Índice

- I - Encontro com o filósofo**
- II - A velha Bíblia**
- III - Filhos das trevas e filhos da Luz**
- IV - A sabedoria é finita**
- V - A sabedoria do mordomo infiel**
- VI - Quem era a esposa da Caim ?**
- II - Cristianismo ou Mosaismo?!**
- III - Trabalho-missão e trabalho-expiação**
- IX - É lícito abreviar a vida?**
- X - Do 1.º ao 4.º dia da Criação**
- XI - Do 4.º ao 6.º dia da Criação**
- XII - Sétimo dia da Criação**

PREFÁCIO

Luiz Caramaschi passou boa parte de sua vida estudando, meditando e pesquisando obras de assuntos filosóficos para resolver as dúvidas que o angustiavam sobre a concepção divina, e quando alcançou a paz, passou a distribuir fartamente tudo que havia conquistado a todos que o rodeavam.

Admirador de Sócrates e do seu método de ensino, denominado de maiêutica, sempre gostava de debates, pois dessa forma tanto organizava melhor suas idéias ao expô-las, como também revia muitos dos seus conceitos.

Filósofo de grande abrangência, estudioso de ciências, nunca se prendendo a detalhes ou fragmentos de idéias, conseguia reunir pessoas de diferentes crenças e até mesmo agnósticos e ateus. Professor nato com uma didática e paciência incomum para expor suas idéias, gradativamente foi granjeando simpatizantes. A princípio eles o procuravam para especulações, e, à medida que os encontros foram amiudando, a amizade entre eles foi acontecendo. Aquelas reuniões que, no início eram somente de estudos, foram ganhando conotações de entretenimento, pois, além do aprendizado em comum que os enriqueciam, muitas vezes organizavam algum passatempo agradável, que variava entre prosas descontraídas com bastante risos, jogos e petiscos, cultivando com isso uma amizade que foi se solidificando a cada dia.

Ao escrever este livro, Luiz usou o método daquele cotidiano. Imaginou-se morando longe do barulho da civilização, num lugarejo beira-mar, e os seus amigos passaram a ser personagens participantes desta obra, com os quais vai dialogando e concluindo cada resultado dos assuntos propostos. Ele demonstrou dessa forma que reconheceu o valor dos seus questionamentos e que, se permanecesse solitário no seu recolhimento, teria tido mais dificuldade na organização de suas idéias.

Assim, apresentamos mais um trabalho desse filósofo, no qual nos aponta novas perspectivas para se ver a verdade a qual, para ele, é o resultado da esplendorosa luz divina, que é o amor.

Nesta obra Luiz apresenta a conclusão de um estudo magnífico, que proporciona paz, independente do credo religioso, porque convence a todos que a sabedoria é finita. Com isso o autor nos aliviou de uma pesada carga psíquica que sempre nos trouxe desconforto, porque dormíamos e acordávamos com sensação de culpas, em virtude da responsabilidade de evoluir sempre, o que gerava uma ansiedade ininterrupta. O resultado dessa sua conclusão é a valorização de cada um, esteja no grau espiritual que estiver, considerando que cada pessoa atingiu o topo de sua evolução.

A continuar naquela crença, não produzimos, não criamos e não iluminamos os nossos próximos, porque nos sentimos sempre inferiores e não aptos para dar nada a alguém ou produzir qualquer bem, seja na situação que for, porque nosso único objetivo é lutar para atingir aquele grau elevado, para depois sim, produzir. Diga-se de passagem que esse nível é inatingível, porque o caminho que nos ensinaram é infinito.

A evolução por esse novo conceito, demonstrada pelo autor, será conseqüência e não uma perseguição patológica de pagar seus débitos com a divindade. Desse modo inverte-se o círculo vicioso. Ajudamos o próximo porque acreditamos ser espíritos sábios e evoluídos, e porque ajudamos, evoluímos, e assim por diante.

Considerado o filósofo do futuro – porque não prescinde da ciência em seus estudos –, Luiz buscou, sem quaisquer amarras, tanto nas escrituras cristãs como nas de outras religiões, e também nas dúvidas dos agnósticos e ateus, a base dos conceitos que geraram a consciência de incapacidade em cada um, portanto, que não permitiram a alegria pulsar em seus corações.

O jargão de que, *se não se for a Deus pelo amor, certamente, se irá pela dor*, é a confirmação de que as pessoas vivem tristes, sem amor próprio, sabendo-se inferiores. O autor acredita e demonstra que o caminho mais seguro e rápido para Deus é, com certeza, o da alegria, da auto-confiança e da crença de que cada um está bem situado e atingiu o topo de sua evolução. Nessa crença, cada um, com muito prazer, tentará distribuir aos seus próximos, sabedoria, bondade e outras formas de manifestação do amor..

OS EDITORES

I – Encontro com o filósofo

Chilon Aquilano estava visitando a cidadezinha de Cananéia, que fica ao sul do Estado de São Paulo, quando ouviu falar do filósofo Árago Pandagis, que tem um telheiro para seu barco na foz do Rio Mandira que é afluente do Rio da Minas. Chilon que gosta imensamente duma discussão amigável, seja pela imprensa, ao longe, seja à viva voz, ao perto, rumou para lá, a fim de conhecer o sábio. O dia já declinava, e o farol da Ilha do Bom Abrigo estava aceso.

Custou-lhe muito a Chilon encontrar a cabana; todavia, como diz o brocardo, quem tem boca vai a Roma. Chegando ao rancho que lhe diziam ser o do filósofo, viu um pescador que retecia sua rede no terreiro, aproveitando os últimos clarões da tarde, sentado num tamborete de três pernas. Então disse-lhe Chilon:

– O senhor me poderia informar onde eu encontraria Árago o sábio?

– Eu me chamo Árago, e alguns me têm por sábio, embora eu não passe de filósofo, isto é, de amigo da sabedoria.

– Bravo! É ao senhor mesmo que eu busco, com minhas andanças por estas bandas.

– Para que me busca ?

– Desejava trocar idéias com o senhor !

Árago que tinha suspenso o trabalho, fazendo um ar faceto, respondeu:

– Está bom. Mas eu o advirto que tenho trocado muitas idéias com muita gente, e em tais barganhas, tenho sempre levado na cabeça. O tal quer barganhar suas idéias comigo; mas no final das contas, ele leva o que é meu, nada me deixando em troca, pois as idéias que traz, já as desprezei de há muito. Todavia ainda que seja você um desses, dar-me-á o prazer, não só da visita, como ainda me possibilitará falar, visto que o falar me faz bem. Falando passo revista aos meus conhecimentos, ampliando-os ainda mais com pormenores imprevistos. Desse modo, embora eu perca na troca de idéias, ainda saio ganhando.

Árago disse isto com uma ponta de malícia e bom humor a lhe transparecer no sorriso, depois do que continuou:

– Eu não moro aqui, e sim em Cananéia. Aqui só tenho este telheiro para a pesca, com uma dependência de quatro cômodos, onde passo, às vezes, até uma semana. Neste caso trago minha esposa para cá, para cuidar de tudo, enquanto pesco ou escrevo. Além de ela cozinhar, e arrumar a casa pegada ao telheiro, ainda datilografa meus escritos. Às vezes Anidra, a empregada, também vem cá, a fim de ajudar Cornélia, minha esposa, nos quefazeres domésticos. Por isso a casa possui dois quartos, além da sala e da cozinha. Hoje nenhuma está aqui, pelo que teremos de nos ir para minha casa. A distância, conquanto razoável, será coberta facilmente pela minha canoa motorizada.

Árago dizia isto no tempo em que se ia dirigindo para o interior do barraco, a fim de guardar a rede e demais petrechos de pesca, depois do que, fechou a porta. Falando ainda, convidou a Chilon a sentar-se, acomodando-se por sua vez, no interior da canoa, puxou a cordinha do motor, pondo tudo em movimento rumo à Cananéia. Chegados à casa foi Árago ainda quem primeiro falou:

– Seja bem-vindo à minha casa modesta. Vamo-nos para minha biblioteca, e aí sentemo-nos tranqüilos, pois de agora em diante, se você cumprir o prometido, estaremos fora do tempo, o tempo todo...

Acenou Árago a Chilon para que se sentasse numa poltrona, enquanto ele tomava assento noutra próxima. Corria Chilon os olhos pela biblioteca e demais móveis do aposento amplo, no passo que ia Árago fazendo a descrição da serventia de cada peça:

– Ali está o aparelho de som de alta fidelidade; aqui, a poltrona reclinável, para os exercícios hipnopédicos; mais além, o gravador de som, para música e auto-sugestões.

Após ver e ouvir tudo, Chilon, saindo-se do mutismo, perguntou:

– O senhor poder-me-ia explicar por que veio habitar nesta região, entre pescadores incultos, em vez de em São Paulo ou Rio ?

– Isso ser-me-á fácil fazer, se você for filósofo, embora não manifesto, ao menos em potencial. Mas se você pertencer aos outros dois tipos humanos, o avaro e o ambicioso, não me poderá entender. Para responder sua pergunta, preciso fazer falar Sócrates, pela pena de Platão.

E assim dizendo, tirou da estante o volume “A República” de Platão (Atena Editora), abrindo-o na página 389:

* * *

“Sócrates – Eis por que dissemos que três são os principais caracteres dos homens: o filósofo, o ambicioso e o avaro”.

“Glauco – Com efeito”.

“Sócrates – Se perguntasses a cada um desses homens em particular qual é a vida mais feliz, tens dúvida de que cada um deles exaltaria principalmente a sua? Porque o avaro porá a ganância acima de todos os prazeres e desprezará a ciência e as honras, a menos que lhe sirvam de meios para chegar à posse da riqueza.”

“Glauco – É verdade.”

“Sócrates – Que diria, por sua vez, o ambicioso, senão que é baixo o prazer que deriva das riquezas, e vão o que resulta da ciência, a menos que o seu estudo conduza às honras e glórias?”

“Glauco – Assim é.”

“Sócrates – Pelo que toca ao espírito filosófico, afirmamos com toda convicção que nenhum caso faz de todos os demais prazeres, em comparação com o de procurar a verdade pura; e que, aplicando-se ao seu estudo, os desfruta mais e mais, tendo todos os mais deleites como outras tantas necessidades, às quais ninguém se deve prestar, exceto na medida das exigências da natureza.”

* * *

Árago, fechando o livro, exclamou:

– Eis por que vim parar neste lugar, tão logo me vi aposentado na função que exercia no serviço público. Se eu fosse ganancioso, num esforço de enriquecer-me, iria procurar uma cidade próspera, cheia de aventureiros, de vida caríssima, como Brasília, por exemplo, ou outras, igualmente de vida cara, como Presidente Prudente, Londrina, Piraju etc. Se meu objetivo fosse o prestígio, a glória, a honra, o renome, iria buscar posição de mando nos grandes centros, nas capitais; iria ser como um desses muitos salvadores da pátria, que andam por aí em evidência, iludindo e enganando as massas, porque ninguém poderá dar o que não tem. Mas sou filósofo, e por isso vivo aqui nos meus vastíssimos domínios de pensamento, tranqüilo e feliz, longe desta época de loucuras e desmandos, vivendo noutras dimensões fora do espaço e do tempo, e com a morte superada. Conquanto esteja ainda metido neste corpo, tenho, no meu peito, uma gostosa sensação de eternidade...

E após uma pausa, prosseguiu:

– Eu vivo em paz com estes pescadores, com os quais me misturo, copiando-lhes os trajes e a vida simples, despreocupada. Ajudo-os, por todos os modos, pelo que são todos meus amigos. Pesco com eles, em seus barcos, para me distrair, de vez em quando. Peixes e coisas do mar não me faltam nunca. Eu próprio sei pescar de rede, e me dei conta de que o celeiro do oceano é inesgotável. Filosofar é como pescar, ou seja, tirar um pouco do inesgotável oceano do saber.

Chilon ouvia atento; e, aproveitando-se de uma pausa, obtemperou:

– O senhor não acha que devia dar um pouco das suas luzes aos outros? Ou acha que deve guardar, para si, avaramente, tudo?

Árago, tomando “A República” de sobre a mesa, respondeu:

– Ainda, se me permite, farei que fale Sócrates, visto que percebo na sua pergunta, a velada acusação de que o filósofo é uma pessoa que não presta para nada. Sócrates propõe uma alegoria para explicar por que as repúblicas se governam mal; a causa é por que os piores são os que, vencendo por qualquer meio, se impõem; dizendo isto, Sócrates continuou o seu pensamento anterior, quando afirmara: “Realmente, é provável que, se houvesse uma cidade constituída só de bons, haveria competição para fugir ao poder, precisamente como agora existe para o obter”¹. Concluindo Sócrates o que explica sua alegoria da briga dos marujos, pela posse do leme, prossegue:

“Sócrates – Amplas razões lhes assistem em dizer que os mais ilustres filósofos são realmente inúteis à sociedade. Mas faze-lhes ver que a razão de tal inutilidade não se deve atribuir a eles, filósofos, senão aos que não se dignam empregá-los. Porque, como não é natural que o piloto suplique aos marinheiros que lhe entreguem o leme da nau, também não é curial que os filósofos andem de porta em porta a fazer súplicas que tais aos ricos.(...) A verdade é que, rico ou pobre, quem está doente é que deve bater à porta do médico. Quem tem precisão de ser bem governado vá procurar quem bem o governe. Não há de ser o bom governo quem, capaz de ser útil a outrem, ande mendigando o favor de se valerem os outros de sua luzes. Não erraram, pois, comparando com os marinheiros da alegoria os políticos que ora se encontram à testa dos negócios públicos e chamando filósofos aos que são tidos por gente inútil, perdida nas estrelas”².

E fechando o livro, concluiu Árago:

– De maneira que, tornando ao meu caso, não preciso andar implorando o favor de os outros se valerem das minhas luzes.

– Conquanto o senhor tenha fundamentado bem sua recusa em ajudar os homens, desde que, para isso tenha de os procurar, eu peço licença para discordar do senhor e de Sócrates: discordando, digo que não se pode querer aquilo que se desconhece; como é que os homens hão de desejar filosofia, se nem sabem o que isso seja? Como é que hão de sentir necessidade do saber, se isto não é, para a maioria, coisa de primeira precisão? Dê-se a conhecer o sábio, faça brilhar suas luzes, e todos precisarão delas depois, tendo-as como coisas indispensáveis à vida, senão à do corpo, ao menos à do espírito.

– Quê? Acaso tenho eu de ir falar às gentes nas praças, fazendo-me preceder de toques de caixas e de cornetas? Ter-me-iam, por louco ou fanático, é certo, se isso fizesse !

– É certo que sim. Mas já se foi o tempo da escola peripatética. Agora, temos a imprensa.

– Ora, a imprensa!... Você me vem falar dela! Acaso não vê que o jornal, a revista, o livro, tudo está nas mãos dos mercadores? Eles querem dinheiro à farta, e não idéias raras, peregrinas, originais, sábias. Quando qualquer escrito lhe cai nas garras, vão eles logo, e às pressas, correndo seus olhetes míopes pelas linhas. Se depois, do alto de sua sapiência econômica, “julgarem” que a coisa é boa, dão-na ao prelo. Deste modo, quem não é suíno morre de fome, como o filho pródigo da parábola, no meio da fartura de landes ou bolotas. O pensamento é o que governa o mundo, com ser espírito, princípio ou lei; contudo sua abundância divina se torna escassa, por causa de o maldito

¹ Platão, A República, 42 – Atena Editora

² Platão, A República, 250 – Atena Editora

dinheiro subordiná-lo aos seus fins. É assim que, na mais universal fartura de Deus, morre-se a fome neste chiqueiro. Eu não leio jornais, nem revistas, conquanto os receba aos montes, porque neles, com raras exceções, só acho bugiarias. Muitas das minhas idéias eu as pus em papel, e sabe o que sucedeu?

– Como o saberia?

– Pois nem abrindo mão dos proventos resultantes de direitos autorais, achei editor. Minha obra fi-la, de certo, para as traças e para os ratos, pois o fim das minhas páginas será algum porão ou sótão.

– É que o mestre tem buscado os editores, diretamente, para imprimir seus escritos; ora, como eles são meros ganhadores de dinheiro, por isso não perguntam se em seus escritos há idéias, mas sim, se para eles haverá público grosso. E os que não agem por dinheiro, esses são até piores, porque são escravos da parcialidade a que pertencem, julgando ser verdade somente aquilo que estiver de suas portas para dentro. Acrescente-se a isto as amizades, os personalismos, as recomendações. E como para os grandes sucessos editoriais qualquer bugiaria serve, nada mais é preciso fazer que seguir a inclinação das massas. Tem razão Ortega quando afirma: “Quando vejo que para um homem ou grupo se dirige fácil e insistente o aplauso, surge em mim a veemente suspeita de que nesse homem ou nesse grupo, talvez junto de dotes excelentes, há algo sobremodo impuro”³.

– Cáspite! Até parece que sou eu quem está falando! Como você vê, trancou-se ainda mais a porta que já me impedia de sair à luz. Como é que hei de sair a público, a não ser, então, beijando as mãos aos editores? Aconselhar-me-ia, acaso, escrever umas pedantonas bugiarias, para começar? Estaria, porventura, me querendo dizer que devo arranjar algum padrinho? Não vê, todavia, que tudo isso é tão difícil, perigoso e humilhante, quanto o forçar fazer, a águia, vôo rasteiro de pardal? Ora, meu caro Chilon, eu estou muito sossegado no meu canto, sem nenhum estímulo que me mova a sair à luz, e ainda mais, a tal preço. Desprezo os sonhos de grandeza, e se ainda lhes sinto os pruridos, devo lutar contra eles com toda a força e tenacidade com que se combate uma paixão malsã. Meus vencimentos de aposentado me dão muito bem para viver. Se, pois, riquezas, glórias e honrarias não me dominam, que coisas outras me fariam assoalhar? O que só busco é o saber, e para isto não preciso nada mais do que já possuo, exceto aqui do meu casco – e ao dizê-lo, apontou para a cabeça.

Chilon ouvia tudo admirado; e aproveitando a pausa falou:

– Já nem sei o que dizer; defendi suas razões e sua tese sem o querer. Façamos, todavia, um concerto.

– Que quer combinar comigo ?

– Proponho reunirmos uma vez por semana, de preferência aos sábados, a fim de estudar juntos vários assuntos. Nossa reunião pode até ter outros participantes. Eu tomo nota de tudo das nossas palestras em rascunhos. Numa segunda fase, passo tudo a limpo, corrijo, acepilho e dou forma literária. Que acha disto?

– Seja como você quiser. Você fica autorizado a pôr em papel as minhas idéias. Faça como bem entender visto que me desinteressa de tudo; chego até a ter aversão pelos homens de imprensa, vazios de convicções que, às mais das vezes, não passam de estilos em busca de assuntos. Estão eles sempre prontos a escrever pró e contra qualquer coisa, porque, como já se disse, cantam a música daqueles de cujo pão vivem. Vejamos se minhas idéias pela sua pena vão achar quem as edite.

– De acordo; aceito a condição.

– Também darei de ombros aos que me quiserem contrastar em polêmicas, por se sentirem ofendidos de os meus raciocínios colidirem com suas opiniões preconcebidas; se minhas razões ferirem opiniões estabelecidas, mesmo que se doam os crentes delas, não lhes darei quaisquer

³ Ortega y Gasset, A Rebelião das Massas, 32

explicações. E não me causarão moosa esses tais, com seus protestos e doestos, visto que os não levarei em conta, nem mesmo deles tomarei conhecimento. Serei igualmente indiferente tanto aos aplausos, como à reprovação, pois só busco a verdade. Para que aquelas coisas não me perturbem a placidez de espírito, pratico, pelo método hipnopédico, o desprendimento da vida, que nisto só consiste o verdadeiro objetivo da filosofia. Tal, o caminho que me tracei, e você, Chilon, não me desviará dele! não o tentel!...

– Aceito, também, essa condição.

– Proponha, então, o que quer estudar comigo.

– Para começar, eu lhe desejaria fazer uma pergunta a respeito da Bíblia, de Adão, de Eva, de que vem a ser “filhos de Deus” e “filhos dos homens”, de “filhos das trevas” e “filhos da luz”; desejaria me dissesse, também, se a evolução e a sabedoria são finitos ou não, e outras coisas mais que agora não me ocorrem perguntar-lhe. Tudo isto tem me causado embaraços, pois sempre que faço tais perguntas aos que fazem às vezes de mestres, recebo respostas secas, peremptórias, dogmáticas: é assim, ou é assado. Ora, eu quero desenvolvimentos lógicos e raciocínios e não dogmas. Também desejaria conhecer melhor como é sua vida nesta ilha. No entanto, por hoje nossa conversa fica só nisto, pois já é tarde e eu preciso retornar ao meu hotel. Voltarei noutra oportunidade, e prometo será breve.

II – A velha Bíblia

No dia imediato ao do primeiro encontro com o filósofo Árago Pandagis, Chilon retornou ao seu telheiro da foz do rio Mandira, passando lá uma tarde magnífica. Andou com Árago, em sua canoa, passeando pelo rio das Minas, subindo até perto da embocadura do rio Ipiranguinha. Em certo ponto, Árago meteu-se inteiro dentro d’água, a fim de desprender o arame que tinha preso a uma raiz submersa, puxando para fora um covão de taquara com algumas lagostas, camarões e peixes. Deixou novamente o covão no mesmo sítio, rumando, diretamente para Cananéia. Depois do jantar, no qual Chilon tomou parte, com muito gosto, foram ambos para a biblioteca ouvir música suave, adormecedora, recostados em poltronas acolhedoras. Passada uma hora mais ou menos, começaram a palestra, tendo sido Chilon o primeiro quem falou:

– Bom, caro Árago, estou ansioso por ouvir-lhe sobre o tema de hoje.

– Qual é ele?

– Qualquer um daqueles já referidos. Uma vez porém que vamos estudar coisas da Bíblia, acho que deveríamos saber primeiramente o que ela seja. Esse livro muito discutido, base de todas seitas diferentes, é ponto de fé, principalmente para todas as seitas vindas da Reforma. Para estes a Bíblia é a indiscutível palavra de Deus, por conseguinte, toda de inspiração divina. Que acha disso ?

– Eu não acho nem isto nem aquilo. Nós vamos estudar esse assunto com técnica precisa, com método. Em primeiro lugar você me há de dizer qual é a autoridade máxima entre os seguidores da Bíblia.

– Digo que são Moisés e Cristo. Apresento-lhe duas autoridades, e não uma, porque para os cristãos é Cristo; porém, para os judeus continua ainda sendo Moisés, que o era já antes de Cristo. Mas, como não nos interessa os judeus, digamos então que a suprema autoridade bíblica é Cristo.

– Neste caso, tornou Árago, a primeira coisa a fazer é ver o que disse o mesmo Cristo do Velho Testamento, pois o Novo relata coisas dele próprio. Você que é lido no assunto, discorrerá sobre o que sabe.

– Bom. Os primeiros capítulos dos Evangelistas Mateus e Lucas tratam da genealogia de Cristo, fazendo-o brotar do galho de Daví que saiu de Abraão. Marcos nos apresenta Cristo já adulto, sendo batizado no Jordão por João Batista. Este batismo de Cristo, feito por João, filia-o à seita dos Essênios, segundo muitos. João Evangelista, em seu Evangelho, mostra a filiação divina de Cristo, dizendo que ele era o Verbo que estava no princípio com Deus, pelo que era Deus. Três filiações, portanto: a humana, a social e a divina.

E feita uma pausa, prosseguiu Chilon:

– E Cristo firma sua autoridade divina na história que é social. Mas vamos aos pontos, por ordem: em Mateus 21, 42, Marcos 12, 10, e Lucas 20, 17, diz Cristo: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que fora rejeitada pelos edificadores, essa foi posta por cabeça do ângulo? Essa escritura, a que se refere Cristo, é a do profeta Isaías, e está no capítulo 28, versículo 16. Em Marcos, 12, 24, disse Cristo: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque depois da ressurreição, nem as mulheres terão maridos, nem os maridos mulheres; mas serão como anjos de Deus no céu. Todavia, esta parte não é achada no Velho Testamento, de modo explícito, pelo que se conclui que Jesus, para dizer isto, faz a exegese de algum outro ponto, no qual esta idéia fica implícita. Em Mateus 26, 54 e Marcos 14, 49, exclama Cristo: Como se cumprirão logo as Escrituras, que declaram que assim deve suceder? E esta Escritura está em Isaías 53, 7. Em Mateus 26, 24, está: O Filho do homem vai (ser traído) certamente, como está escrito dele etc. E Mateus declara, no capítulo 26, versículo 56, “que tudo isto assim aconteceu, para que se cumprissem as Escrituras dos profetas” .

– Lucas diz, prosseguiu Chilon, no capítulo 4, 16, que Cristo foi à sinagoga dos hebreus, e tendo desenrolado o livro do profeta Isaías, leu o que estava escrito no capítulo 61, versículo 1. Enrolando de novo o livro, disse para os presentes: – Hoje se cumpriu esta profecia nos nossos ouvidos. Depois da ressurreição Cristo aparece a dois discípulos que iam para Emaús. E tendo se acercado deles, sem se dar a conhecer, *ensinava-lhes as Escrituras* (Luc. 24, 27 e 32), *começando por Moisés*, quer dizer, pelo Gênese, discorrendo, diz o texto, *por todos os profetas*, explicando-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras.

– Em João, continuou Chilon, no capítulo 5, versículo 39, recomenda Cristo: – Examinai as Escrituras, pois julgais ter nela vida eterna, e elas mesmas são as que dão testemunhos de mim. E em João 7, 38, declarou: – Quem crê em mim, *como diz a Escritura*, dele corre rios de água viva. As escrituras desta parte encontram-se em Deuteronômio 18, 15, Isaías 12, 3 e 44, 3. Em João 7, 42, interroga Cristo: – Não diz a Escritura que o Cristo vem da descendência de Daví, e de Belém, da aldeia de onde era Daví? E que Escritura diz isso? É a que se acha inserta em Jeremias 23, 5, e Miquéias 5, 2. Em João 10, 34 pergunta Cristo: – Não é assim que está escrito na vossa lei? Eu disse: – vós sois deuses? E pouco mais adiante acrescenta que a *Escritura não pode falhar* (Jo 10, 35). Que lei é esta referida por Cristo? É a que se encontra em Salmos 82, 6 (João Ferreira de Almeida).

– Noto aqui, prezado Árago, com espanto, que Cristo chama lei às poesias de Davi! E mais me espanto ainda, quando declara, em se referindo a esta lei, que a *“Escritura não pode falhar”* (Jo 10, 35). E em Lucas 24, 44, diz expressamente, Cristo: – “Convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos profetas, e nos Salmos” .

Manuseando uns papéis que tinha nas mãos, continuou Chilon:

– Em João 17, 12, orando Cristo a Deus, recomenda a este seus discípulos, declarando que até o momento os guardara, e que nenhum se perdeu, exceto o que já era filho da perdição; acrescenta que tudo sucedeu para que a Escritura se cumprisse. Também, para que se cumprisse a Escritura inserta em Salmo 22, 18, não foram rasgadas as vestes de Cristo, e antes se lançaram sortes sobre elas (Jo 19, 24). Eis de novo o poema de Davi funcionando como profecia e lei. Igualmente, para que se cumprisse a Escritura do Salmo 69, 21, disse Cristo na cruz: – Tenho sede (Jo 19, 28). Ainda, para que se cumprisse a Escritura do Êxodo 12, 46, Cristo morreu antes do sábado, para que não sucedesse, como aos ladrões, lhe quebrassem as pernas e os braços (Jo 19, 36).

– Depois de tudo isto, continuou Chilon, Cristo, como querendo enfeixar toda esta Doutrina numa sentença, declarou: – Não cuideis que vim destruir a lei, ou os profetas; não os vim revogar, senão cumprí-los. E acrescentou: – Porque em verdade vos digo que enquanto não passar o céu e a terra, não passará da lei um só "i", ou um "til", sem que tudo seja cumprido. E ameaçando, agora, prosseguiu: – Aquele pois que quebrar um destes mínimos mandamentos, e os ensinar aos homens, será chamado pequeno no reino dos céus; mas o que os guardar, e ensinar a guardá-los, esse será reputado grande no reino do céus (Mat 5, 17 a 19).

E guardando as notas, prosseguiu Chilon:

– Estes são os pontos, prezado Árago, em que Cristo mostra seu respeito pelas Escrituras, seja fundamentando nela sua autoridade, seja cumprindo à risca o que fora predeterminado pelos profetas. Que me diz a respeito disto?

– Digo que se Cristo valida as Escrituras, que vão do Gênese a Malaquias, e sendo ele a autoridade suprema entre os cristãos, nenhum cristão poderá desautorizar as Escrituras, sem desautorizar também a Cristo.

– E se houver quem desacredite o Velho Testamento?

– Esse desacredita também a Cristo, pelo que não é cristão.

– Porém, se alguém se disser cristão, e desacreditar o Antigo Testamento?

– Se afirmar que é cristão e negar aquilo que Cristo afirma, e em que se firma, comete um erro que em lógica tem um nome muito simples: absurdo.

– Será, porém, que Cristo valida todo o Velho Testamento ?

– Isso, tornou Árago, é o que nos cumpre verificar; todavia, se depois disto ficar provado que Cristo valida todo o Velho Testamento, não cairá este, sem que também caia Cristo.

– Mas como é que iremos proceder esta averiguação?

– Ainda examinando o texto – replicou o mestre – nas partes em que Cristo discorda do que está escrito. Se houver destes pontos não autorizados por Cristo, estes estarão revogados.

Chilon se fez pensativo. Depois, recorrendo as suas notas, prosseguiu:

– Cristo discorda do passado nos pontos em que torna mais rigorosas ainda as prescrições dadas aos antigos, e tanto que declara: – Se vossa justiça não superar a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus (Mat 5, 20). E daqui em diante vem, no mesmo capítulo, a reforma da lei, não pela revogação do que está escrito, senão por um aumento de rigor. Do versículo 21 em diante vêm as partes que são encabeçadas pelas palavras: – “Ouvistes o que foi dito aos antigos”. De maneira que Cristo discorda, não por anulação ou abrandamento dos preceitos, senão pelo aumentar-lhes a estreiteza.

– Então Cristo – interrogou o filósofo – respeitou, cumpriu, ampliou e recomendou as Escrituras antigas, não é assim?

– Exatamente.

– Logo, não poderá dizer-se cristão quem subestimar e negar o que Cristo respeitou, e cumpriu, e ampliou, e recomendou.

– Mas isto não pode ser assim, “in totum”, meu amigo, pois outro dia estive eu assistindo às festividades de Nossa Senhora dos Navegantes que, como o senhor sabe, são tradicionais aqui em Cananéia, pelo que a cidade se regurgita de forasteiros e mercadores, estando eu, como dizia,

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

